

Dr. David A. deSilva , Hebreus, Sessão 8b, Hebreus 9:1-10:18: Cristo, nossa Expição (Parte 2)

© 2024 David deSilva e Ted Hildebrandt

Nos versículos iniciais do capítulo 10, o autor retorna para considerar a causa da incapacidade dos primeiros sacrifícios da aliança de aperfeiçoar aqueles que se aproximam. Dessa forma, ele estabelece a necessidade da obra do sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque novamente. Pois a lei, mantendo uma sombra das coisas boas que estavam por vir, e não a própria semelhança dessas coisas, nunca pode aperfeiçoar aqueles que se aproximam por meio dos mesmos sacrifícios anuais que eles oferecem perpetuamente.

Aqui, o autor chama a lei, com efeito, de uma sombra do que estava por vir. Ele havia aplicado esse termo anteriormente apenas à cópia terrena do tabernáculo celestial no capítulo 8, versículo 5, mas agora estende o termo sombra para descrever a natureza de toda a lei cultural. Ela carece de eficácia porque carece de substância real, vagamente apontando para longe e para a frente de si mesma para aquele ritual que possui o poder necessário para remover pecados, a saber, a oferta de Jesus de si mesmo.

Para muitos estudiosos, a palavra sombra evoca automaticamente visões platônicas do cosmos e da realidade. Você pode estar familiarizado com a alegoria da caverna de Platão em sua República, onde Sócrates descreve a maioria das pessoas como se estivessem de costas para a entrada de uma caverna, a fonte de luz, olhando para a parede à sua frente e vendo sombras passando diante delas, mas nunca virando a cabeça em direção à abertura da caverna para ver as pessoas reais que estão se movendo, projetando essas sombras contra a parede. Nosso autor, no entanto, se afasta de algumas maneiras muito importantes do pensamento platônico porque o autor está comprometido com uma estrutura temporal na qual Deus intervém na história humana.

A lei é a sombra das coisas reais que ainda estão no futuro, não coisas que já existem no reino dos conceitos mentais, como na filosofia de Platão. A lei é a sombra das coisas boas que estavam prestes a vir do ponto de vista de Moisés e que agora, do ponto de vista do pregador, de fato vieram no sumo sacerdócio de Jesus. A repetição anual dos sacrifícios prescritos pela Torá, e aqui o autor está pensando principalmente no ritual anual do Dia da Expição, sinaliza para o autor sua ineficácia.

Ele oferece um argumento contrário como prova disso. Se esses rituais fossem capazes de limpar a consciência, eles não teriam deixado de ser oferecidos por conta dos adoradores serem limpos de uma vez por todas, não tendo mais pecados em suas consciências? Mas nestes, há um lembrete anual dos pecados. A suposição não

declarada aqui é que a limpeza da consciência deve ser um ato único e que os pecados não retornarão para assediar a consciência novamente.

O autor pode ter em mente aqui os dois lados da nova aliança no oráculo de Jeremias. Por um lado, a remoção de pecados antigos que estavam entre o povo de Deus, e por outro lado, a vivência do que agrada a Deus porque Deus plantou as exigências de Deus internamente na mente e no coração, para não contaminar a consciência novamente. De acordo com nosso autor, os sacrifícios infinitos operados sob o sacerdócio levítico alcançam um objetivo muito diferente.

Em vez de remover pecados, ele afirma que há um lembrete anual de pecados neles. Esta é uma afirmação que parece ser baseada em uma generalização de um sacrifício particular em Números capítulo 5, versículo 15, o sacrifício que foi realizado para trazer os pecados do suspeito adúltero à lembrança, um sacrifício oferecido por um marido ciumento para fazer sua esposa ficar com a consciência pesada e fazer sua culpa vir à tona. O autor olha para este sacrifício para trazer a lembrança dos pecados e o aplica como um princípio geral a todo o sistema sacrificial, incluindo os sacrifícios do Yom Kippur ou do Dia da Expição.

Tal generalização de uma lei específica pode nos parecer muito estranha, mas não era exclusiva do nosso autor. Filo de Alexandria, por exemplo, usa o mesmo texto, Números 5:15, como prova de que o sacrifício da pessoa cujo coração não é reto diante de Deus não faz nada além de lembrar a Deus de sua pecaminosidade. O autor de Hebreus de fato apresentou uma interpretação ideologicamente motivada do Dia da Expição.

Para seus participantes reais, era sem dúvida mais do que apenas um lembrete de pecados. Levítico 16 versículo 30, por exemplo, dá todas as indicações de que o ritual deve funcionar. Lemos lá, neste dia, a expiação será feita por vocês para purificá-los de todos os seus pecados; vocês serão limpos diante do Senhor.

O autor de Hebreus, no entanto, pode admitir que os ritos reparam o relacionamento, mas ele argumenta com sucesso que eles não melhoram particularmente o relacionamento. Ainda decisiva em sua mente é a limitação estrita do acesso a Deus sob a primeira aliança e seus ritos. Yom Kippur atuou e perpetuou o acesso limitado e graduado a Deus prescrito pela Torá.

Nunca serviu para deixar o povo romper as barreiras que os separavam de Deus. Em um sentido último, então, nunca tornou o povo verdadeiramente limpo diante do Senhor. Para provar essa negação radical da eficácia do Yom Kippur, o autor acrescenta o princípio de que é impossível que o sangue de touros e bodes tire pecados.

Que o autor pudesse fazer tal afirmação deveria nos parecer bastante surpreendente, especialmente à luz de Levítico 1630, ou ainda mais básico à luz de Levítico 17, versículo 11, onde a voz do Senhor é ouvida para afirmar que a vida da carne está no sangue, e eu o dei a vocês para fazer expiação por suas vidas sobre o altar, pois como vida, é o sangue que faz expiação. O autor de Hebreus, no entanto, está a mais de um milênio de distância de tais prescrições rituais e tem o benefício de olhar para trás, para a crítica dos profetas judeus aos sacrifícios de animais. Nesses escritos, os profetas expressaram sua preocupação de que os rituais de sacrifício não deveriam ser usados meramente como remédio contra as consequências justas da opressão e injustiça irrestritas.

Profetas como Isaías já elevaram o valor da obediência em primeiro lugar sobre as ofertas pelo pecado que se seguiram ao fracasso. Eles também enfatizam a importância de internalizar os valores positivos de amor e misericórdia nas relações com os companheiros israelitas e evitar injustiça e exploração. O autor também pode olhar para trás nos oráculos de Deus, falando sobre a insatisfação de Deus até mesmo com sua aversão e rejeição à realização de sacrifícios de animais sem a dedicação de coração e vida que os acompanha.

Isaías 1, versículos 11 a 13, é típico dessa tensão profética. O que é para mim a abundância das vossas ofertas, diz o Senhor. Estou farto dos holocaustos de carneiros e da gordura dos cordeiros.

Eu não quero o sangue de touros e bodes. Trazer ofertas é inútil. O autor de Hebreus, de fato, usou a frase o sangue de touros e bodes deste texto de Isaías duas vezes durante sua exposição sobre o sacrifício superior de Jesus.

Primeiro no capítulo 9, versículo 13, e novamente aqui no capítulo 10, versículo 4. O que era nos textos proféticos uma tentativa de salvaguardar a integridade do sistema sacrificial torna-se em Hebreus uma declaração da completa ineficácia do próprio sistema. Tendo estabelecido a necessidade de um sacrifício que iria além do que era possível dentro do sistema sacerdotal levítico, o autor agora busca nas escrituras uma garantia para sua convicção de que Jesus supriu essa necessidade. O autor se volta para o Salmo 40, versículos 6 a 8, como a principal prova para suas alegações radicais sobre a ineficácia dos próprios sacrifícios animais que Deus havia legislado e também como a garantia para a oferta voluntária que uma única vítima humana poderia alcançar quando esses sacrifícios não podiam.

E assim, lemos, portanto, quando ele vem ao mundo, ele diz, você não quis sacrifícios e ofertas, mas preparou um corpo para mim. Você não está satisfeito com os holocaustos e ofertas pelo pecado. Então eu disse, eis que venho, no capítulo do livro está escrito a meu respeito, para fazer a tua vontade, ó Deus.

Dizendo mais alto que sacrifícios e ofertas e holocaustos e ofertas pelo pecado você não quis nem teve prazer em que as coisas são oferecidas de acordo com a lei. Então ele diz eis que venho para fazer a tua vontade. Ele remove o primeiro para fazer o segundo ficar de pé pelo qual seremos santificados através da oferta do corpo de Jesus Cristo de uma vez por todas.

Quando comparamos a citação do Salmo 40 como é dada no texto de Hebreus com uma tradução do Salmo 40 encontrada, por exemplo, na maioria das traduções inglesas do Antigo Testamento, notaríamos algumas diferenças importantes. Isso ocorre porque, novamente, o Antigo Testamento inglês em praticamente todas as bíblias é baseado no texto hebraico, o texto massorético, enquanto o autor de Hebreus está lendo o Salmo 40 em sua tradução grega, comumente referida como Septuaginta. No texto hebraico do Salmo, leríamos, sacrifício e oferta que você não deseja, mas ouvidos que você cavou para mim.

Tu não requereste holocausto e oferta pelo pecado. Então eu disse: eis que venho na regra do livro, está escrito a meu respeito. Deleito-me em fazer a tua vontade. Ó meu Deus, a tua lei está escrita no meu coração.

A confissão do salmista orelhas que você cavou para mim sugere que a obediência à Torá, a provisão de orelhas para ouvir e atender aos mandamentos de Deus, é para substituir a transgressão da Torá, o que torna os sacrifícios de animais ainda considerados pelo salmista como efetivos necessários em primeiro lugar. Mas os judeus que traduziram o Salmo hebraico para o grego renderam orelhas que você cavou para mim como um corpo que você preparou para mim. Essa mudança pode ter sido introduzida como uma imagem esteticamente mais agradável, pois a escavação de orelhas pode ser considerada muito feia ou simplesmente uma imagem muito antropomórfica em sua apresentação da ação criativa de Deus.

O tradutor, no entanto, estaria comunicando o mesmo significado do texto hebraico. A obediência à Torá, sendo dado um corpo com o qual executar as estipulações da aliança de Deus, agrada a Deus, enquanto a transgressão seguida por sacrifícios expiatórios não agrada a Deus, embora ainda possa garantir o perdão. O autor de Hebreus, no entanto, encontra uma interpretação muito diferente quando aplica este salmo aos lábios de Jesus.

Uma prática exegética dele que já encontramos ao longo deste sermão. Ao mesmo tempo, ele está lendo isto em linha com seu princípio de que uma palavra mais recente de Deus pode corrigir, esclarecer ou mesmo anular um pronunciamento mais antigo. Ou seja, Deus pode de fato ter instituído os sacrifícios de animais em Levítico, mas na voz do salmista séculos depois, este oráculo de Deus declara a falta de prazer de Deus nesses sacrifícios inteiramente e o desejo de Deus por algo mais.

Quando o autor de Hebreus introduz a citação deste salmo com a frase portanto quando ele, significando o filho de Jesus, portanto vem ao mundo, ele sutilmente define o contexto hermenêutico para interpretar a passagem do salmo. A preparação de um corpo é agora ouvida como o filho assumindo a carne e o sangue compartilhados pelas muitas irmãs e irmãos. A palavra se tornando carne como se fosse na encarnação.

Após recitar o texto do salmo, o autor o analisa uma segunda vez, destacando o contraste entre a rejeição de Deus aos sacrifícios oferecidos de acordo com a lei e a aceitação implícita de Deus de outro tipo de sacrifício envolvendo a obediência voluntária do filho para quem Deus preparou um corpo como um substituto para as ofertas anteriores, os holocaustos e sacrifícios de animais. Assim, no Salmo 40, nosso autor encontra uma garantia bíblica autoritativa que sustenta sua afirmação de que os sacrifícios de animais não alcançam nada significativo para o relacionamento divino-humano. De fato, Deus os colocou de lado em favor da oferta de Jesus.

Como o próprio autor escreveu, ele deixa de lado ou tira o primeiro para estabelecer o segundo. O significado de fazer a vontade de Deus no salmo é esclarecido no versículo 10. Por meio dessa vontade, fomos santificados pela oferta do corpo de Jesus Cristo de uma vez por todas.

O autor recontextualiza três palavras-chave da citação do salmo aqui, oferecendo corpo e incorporando-as em sua interpretação decisiva deste texto do salmo. O salmo é transformado de uma declaração de compromisso com a observância da Torá como um meio melhor de agradar a Deus em um oráculo anunciando os meios pelos quais a vontade de Deus para a vontade será cumprida pelo auto-sacrifício do corpo de Jesus preparado para ele por Deus para este mesmo propósito. A Escritura, portanto, fornece a garantia para o estranho sacrifício que a igreja primitiva acreditava ser a morte de Cristo.

No capítulo 10, versículos 11 a 18, o autor traz seu argumento central à conclusão. Ele faz isso desenhando o Salmo 110, versículo 1, senta-te à minha direita até que eu faça dos teus inimigos um escabelo para os teus pés, um versículo que tem desfrutado de destaque ao longo deste sermão em sua discussão sobre a obra sacerdotal de Jesus. Ao fazê-lo, o autor é capaz de confirmar suas afirmações sobre a eficácia do sacrifício de Jesus de uma vez por todas de uma forma surpreendente.

E assim, lemos, e todo sacerdote se apresenta diariamente ministrando e oferecendo frequentemente os mesmos sacrifícios que nunca são capazes de tirar o pecado. Mas este, tendo oferecido um único sacrifício em favor dos pecados, assentou-se permanentemente à direita de Deus pelo tempo que resta, esperando até que os seus inimigos sejam feitos escabelo dos seus pés. Pois, com uma única oferta, ele aperfeiçoou para sempre os que estão sendo santificados.

O autor está aqui liderando as implicações do Salmo 110 versículo 1, o sentar-se de Jesus para o sacerdócio de Jesus, que é o tópico do Salmo 110 versículo 4. Ficar de pé era conhecido como a postura de servir no tabernáculo e no templo. Deuteronômio 10 versículo 8 fala da tribo de Levi como aqueles que são separados, citando, para ficar diante de Deus para servir. Os levitas são descritos como aqueles que, citando novamente, ficam de pé para ministrar ali diante do Senhor em Deuteronômio 18 versículo 7. Quando o sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque, é convidado a sentar-se à direita de Deus no Salmo 110 versículo 1, o autor infere que o texto está dizendo algo significativo sobre o sacerdócio de Jesus.

O salmo apresenta um sacerdócio que não se envolveria em atividade de culto repetida, uma atividade que exigiria que um sacerdote se levantasse. Em vez disso, o salmo 110 versículo 1 antecipa um ato sacerdotal completo após o qual o titular sacerdotal na linhagem de Melquisedeque poderia sentar-se durante o longo intervalo entre sua ascensão e a subjugação final de seus inimigos. Ao retornar ao segundo componente do Salmo 110, versículo 1, até que eu faça dos teus inimigos um escabelo para os teus pés, o autor também retorna ao acorde escatológico que ele tocou no capítulo 9, versículos 26 a 28.

Aqui, no entanto, ele destaca o outro lado de Jesus aparecendo uma segunda vez. Não será apenas para recompensar aqueles que o aguardam ansiosamente, como ele disse em 9 26 a 28, mas também para a subjugação daqueles que se opõem ao filho em vez de se tornarem seus parceiros e amigos. Para aqueles cristãos entre os destinatários que permanecem comprometidos, isso fornece uma garantia bem-vinda de que o Deus que reivindicou a honra de Jesus também reivindicou a honra dos clientes de Jesus contra aqueles que se opuseram cruelmente a ambos.

Para aqueles que vacilam em seu compromisso, no entanto, que estão ponderando as vantagens de se retirar da associação aberta com o nome de Cristo, essas alternativas os ajudarão a permanecer dentro do grupo cristão. O pregador reforçará isso nas exortações que seguem na seção que começa com Hebreus 10 versículo 19. Alguém pode desfrutar da purificação da consciência, que permite acesso sem precedentes à própria presença de Deus, ou alguém pode ir para o extremo oposto e encontrar o filho como o inimigo e Deus como o juiz e agente da punição.

O autor enquadrrou o versículo 14 do capítulo 10 como a solução para a promessa, desculpe, o problema anunciado no versículo 1 do capítulo 10. Três termos ou frases compartilhados marcam os versículos 1 e 14 como inclusão, suportes verbais, por assim dizer, em torno desta seção. Enquanto os sacrifícios perpetuamente oferecidos prescritos pela Torá são incapazes de aperfeiçoar aqueles atraídos por Deus, Jesus, por um único sacrifício, aperfeiçoou para sempre os adoradores que se aproximam de Deus por meio dele.

Os três termos compartilhados aqui são oferta, perpetuamente e perfeito, e isso sinaliza aos ouvintes que o problema colocado no versículo 1 agora é respondido no e pelo tempo do versículo 14. O primeiro parágrafo da exortação após esta longa exposição no capítulo 10, versículos 19 a 22, instará os ouvintes a reter as vantagens que sua nova e mais completa purificação por Cristo lhes trouxe. Esta exortação também ecoa a exortação anterior no capítulo 4, versículos 14 a 16, de modo que, em essência, todo o argumento central do sermão sobre o sacerdócio de Jesus serviu para mostrar por que a exortação dada anteriormente no capítulo 4, versículos 14 a 16 pode ser colocada em prática com confiança pelos ouvintes, e por que os ouvintes podem de fato ter certeza de seu acesso à presença de Deus e à ajuda oportuna de Deus para sua perseverança em sua peregrinação cristã para sua melhor cidade e pátria.

O autor conclui esta seção central com uma segunda recitação de Jeremias 31, desta vez apenas os versículos 33 e 34, completando seu discurso. Ele havia citado todo Jeremias 31:31 a 34, em Hebreus 8, versículos 7 a 13. Aqui, a reprise de alguns desses versículos serve como uma espécie de QED escritural para a exposição do autor.

Uma declaração, veja, eu provei o que me propus a provar, mostrando como o oráculo profético de Jeremias foi de fato cumprido na morte de Jesus e na atividade pós-ressurreição. Nenhuma autoridade menor do que o Espírito Santo é trazida para dar testemunho da verdade do que o autor tem exposto. E o Espírito Santo também dá testemunho de nós, pois depois de dizer, esta é a aliança que farei com eles depois daqueles dias, diz o Senhor, pondo minhas leis em seus corações, eu as escreverei até mesmo em suas mentes, e seus pecados e suas transgressões certamente não me lembrarei mais.

Onde há perdão destes, não há mais oferta pelos pecados. O fato da inauguração da nova aliança, uma premissa básica para a cultura cristã e que provavelmente não será contestada pela audiência do pregador, significa, de acordo com o oráculo em Jeremias, o perdão decisivo dos pecados. Esta é uma evidência, mais uma vez, da verdade da afirmação que o autor fez em Hebreus 10, versículo 14.

O autor chama a atenção para dois componentes da promessa da nova aliança. Não apenas a promessa de Deus de remover os pecados que se colocavam como um obstáculo entre Deus e o povo de Deus, mas também a promessa de Deus de equipar o povo com uma consciência interior do que agrada a Deus, a fim de que o povo seja capaz de viver obedientemente e de tal maneira que agrade a Deus. O autor ainda exorta a congregação a tomar posse de ambos os benefícios fornecidos sob a nova aliança.

Ele os chama, em exortações tanto antes quanto depois deste discurso central, para aproveitar a vantagem de ir corajosamente ao próprio trono de Deus, e ele os chama ao longo do sermão para viver vidas que Deus considera com aprovação. O que ele

escreve na conclusão aqui, onde há perdão destes, não há mais lugar para uma oferta pelo pecado, e ele tomará em duas direções. Aqui, a declaração é lida positivamente como uma afirmação da eficácia decisiva da morte de Jesus em nosso favor.

Apenas algumas respirações depois, no entanto, no capítulo 10, versículos 26 a 31, o autor retornará ao fato de que nenhum sacrifício pelos pecados permanece como parte de seu aviso mais ameaçador para não se afastar daquele que fez esta oferta decisiva e final pelo pecado em seu favor. Hebreus 9:1 a 10:18, a segunda metade do discurso central do autor sobre o sacerdócio de Jesus, avançou os objetivos retóricos do autor para este sermão de várias maneiras importantes. Primeiro, reforça as principais convicções dentro da comunidade cristã sobre Jesus, sua morte e suas consequências.

O pregador apresenta esses eventos como efetuando a expiação decisiva pelos pecados e a preparação decisiva dos seguidores de Cristo para entrar na presença eterna de Deus, e ele também estabelece o significado da morte e ascensão de Jesus como a inauguração da nova aliança, a promulgação de suas promessas. Segundo, na apresentação do autor do que é essencialmente um ato ritual celestial invisível, o autor convida os ouvintes a se envolverem imaginativamente no que está acontecendo ou no que aconteceu historicamente no reino invisível após a ascensão de Jesus, sua partida do reino visível. Entre outras coisas, isso reforçará para os ouvintes a realidade daquele outro reino, bem como a realidade da atividade além da morte.

Elas são particularmente importantes, pois o autor tem a intenção de fazer com que os ouvintes vivam não apenas para esta vida, mas para a vida da era vindoura, e o autor tem a intenção de fazer com que os ouvintes continuem a deixar de lado os bens desta vida, deste mundo material visível, em favor do que eles possuem naquela esfera celestial invisível. Quanto mais ele puder envolvê-los em pensar sobre aquela esfera como uma realidade, como um lugar onde a ação real acontece, como na entrada de Jesus ali em seu nome e sentando-se à direita de Deus, mais ele os libertará de pensar neste mundo, esta realidade visível, como a única realidade pela qual eles devem se preocupar. Terceiro, ele expõe as vantagens inigualáveis e sem precedentes que Jesus ganhou para eles e desfrutou por eles com base em seu apego a Jesus.

Essa apresentação de vantagem se torna a base para as exortações do autor, tanto aquelas que ele já havia lançado no capítulo quatro quanto as exortações subsequentes que ocuparão o restante de seu sermão. Esses capítulos continuam a nos desafiar, assim como pensamos sobre discipulado e ministério em nosso contexto. Primeiro, não podemos ler a crítica do autor ao acesso graduado a Deus sob o sistema levítico sem pensar criticamente sobre como podemos estar limitando o acesso a Deus e criando novas hierarquias dentro de nossas congregações cristãs.

Embora o clero sirva a propósitos muito importantes dentro da Igreja, há sempre o perigo de que a distinção entre leigos e clérigos reinstitua o tipo de acesso graduado a Deus que o autor de Hebreus descobriu ser uma falha profunda do sistema levítico. O clero poderia ser visto como novos mediadores em vez de meramente como facilitadores e equipadores para todo o corpo de crentes que juntos exercem o sacerdócio com o qual Deus os investiu igualmente. O clero também poderia ser visto como profissionais do ministério, aqueles que são separados para fazer o trabalho da Igreja em vez de equipadores de todos os ministros da Igreja que foram santificados pela oferta de Jesus para seu próprio ministério sacerdotal de estender o favor de Deus aos outros.

Há também o perigo de que os leigos não considerem suas vidas como comparativamente sagradas com as do clero e que eles não assumam as responsabilidades que sua consagração espiritual por Cristo coloca sobre eles. O Sermão aos Hebreus chamará os crentes a oferecer sacrifícios de adoração, testemunho e atos de amor e serviço no capítulo 13. O pregador, portanto, lança a atividade diária dos leigos na linguagem da atividade sacerdotal.

Portanto, cabe a nós na Igreja, enquanto continuamos a honrar o trabalho dos profissionais do ministério em tempo integral e a honrar o que o clero traz à congregação, não reinstituir a divisão, o sistema de castas em vigor, que o autor de Hebreus vê Jesus ter superado em seu trabalho sacerdotal em nome de todo o povo de Deus. A remoção de todas as barreiras agora ao nosso acesso a Deus chama todos nós ao ministério diligente em oração e em alcance, unindo-nos ao trabalho adequado dos sacerdotes, anunciando a reconciliação de Deus e dos seres humanos e chamando outros para a nova e íntima maneira de se relacionar com Deus que Jesus abriu para todos nós. Em segundo lugar, o autor de Hebreus nos deixa com uma consciência de viver entre o trabalho sacerdotal que Jesus realizou em nosso favor em sua morte, ressurreição e ascensão e o trabalho que Jesus ainda fará quando retornar pela segunda vez, não para lidar com pecados, mas para recompensar aqueles que o aguardam ansiosamente e subjugar seus inimigos.

Nossa tarefa neste ínterim é permanecer fiéis ao nosso patrono divino reconciliado e permanecer comprometidos com o povo chamado pelo nome de Deus, mostrar lealdade diante de uma sociedade descrente, às vezes zombeteira, às vezes até hostil, e como o autor coloca em Hebreus 9:28, esperar ansiosamente por Cristo. Essa espera significa escolher nossas atividades, definir nossas prioridades e moldar nossas ambições à luz daquele dia em que Cristo aparecerá pela segunda vez. Com nossas ambições assim focadas, à medida que nos dedicamos ao testemunho, adoração, atos de amor e compartilhamento, descobrimos que estamos de fato cumprindo a lei escrita em nossos corações e mentes, vivendo vidas que agradam a Deus e evitando novas contaminações da consciência.